

**INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS
CURSO DE PROMOÇÃO A OFICIAL SUPERIOR
2015/2016**



TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO INDIVIDUAL

***ENGLISH FOR SPECIFIC PURPOSES*
NO INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR**

O TEXTO CORRESPONDE A TRABALHO FEITO DURANTE A FREQUÊNCIA DO CURSO NO IUM SENDO DA RESPONSABILIDADE DO SEU AUTOR, NÃO CONSTITUINDO ASSIM DOCTRINA OFICIAL DAS FORÇAS ARMADAS PORTUGUESAS OU DA GUARDA NACIONAL REPUBLICANA.

**Estela do Carmo Fortunato Magalhães Parreira
CTEN ST ELING**



**INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS**

***ENGLISH FOR SPECIFIC PURPOSES*
NO INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR**

**CTEN ST ELING ESTELA DO CARMO FORTUNATO
MAGALHÃES PARREIRA**

Trabalho de Aplicação Individual do CPOS M 2015/16



INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS

ENGLISH FOR SPECIFIC PURPOSES
NO INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR

CTEN ST ELING ESTELA DO CARMO FORTUNATO
MAGALHÃES PARREIRA

Trabalho de Aplicação Individual do CPOS M 2015/16

Orientador: Mestre Maria de Lourdes Mendes Antunes de Beltrão Loureiro

Co-Orientador: CTEN AN Duarte Manuel Henriques da Costa

Pedrouços 2016



Declaração de compromisso Anti Plágio

Eu, Estela do Carmo Fortunato Magalhães Parreira, declaro por minha honra que o trabalho intitulado “*English for Specific Purposes* no Instituto Universitário Militar” corresponde ao resultado da investigação por mim desenvolvida enquanto discente do Curso de Promoção a Oficial Superior - Marinha (2015/2016) no Instituto Universitário Militar e que é um trabalho original, em que todos os contributos estão corretamente identificados em citações e nas respetivas bibliografia.

Tenho consciência de que a utilização de elementos alheios não identificados constitui grave falta ética e disciplinar.

Instituto Universitário Militar, 30 de Junho de 2016

Estela Magalhães Parreira

CTEN ST ELING



Agradecimentos

Agradeço á minha orientadora, Dra. Lourdes Loureiro, pela total disponibilidade, ajuda, apoio e preciosas orientações e conselhos, que me guiaram e contribuíram significativamente para o sucesso na elaboração deste trabalho. Agradeço também ao meu co-orientador, CTEN Costa, pelo apoio e tempo despendido nas revisões do trabalho.

Uma palavra especial de gratidão a todos quantos tiveram a amabilidade de me conceder uma entrevista, despendendo do seu tempo para me ajudar, esclarecer, fornecer dados, e também encorajar a prossecução deste trabalho – VAdm Javier Gonzalez-Huix (ACT), CALM Novo Palma, MGEN Guerra Pereira, CMG Rodrigues Pinto, Dra. Peggy Garza, Dra. Emilija Nesheva, Dra. Emilie Cleret, Dra. Gabriella Kiss.

A todos os oficiais que, respondendo ao questionário, contribuíram para a realização desta investigação, o meu muito obrigado. Ao CPOS 2015/2016 agradeço o extraordinário espírito de camaradagem, colaboração e apoio.

Em particular ao “Grupo dos Sete”, pela amizade e pelas horas de boa disposição a estudar - Joana, Mariana, Mónica, Flores, Corte e Pereira, o meu muito obrigado.

A todos os Amigos que de uma forma direta ou indireta me ajudaram durante este curso e na realização do trabalho: Dra. Manuela, Carla M., Célia Braga, Dulce Rodrigues, Fátima Leston, Maria Martins, Vacas, Jorge Sousa. A vocês, J. e M. obrigado por estarem sempre felizes, mesmo quando a minha falta de tempo me impede de vos dar a atenção que merecem.

E finalmente, *last but not least*, a ti, Rui, por todo o amor, carinho, paciência, apoio incondicional, longas horas a rever matéria comigo, ajuda nas pesquisas; por todo o incentivo e força ao longo deste desafio e por acreditares sempre em mim, mesmo quando eu própria tinha dúvidas, agradeço do fundo do coração! Sem ti, nem curso com sucesso, nem trabalho acabado! Obrigado!



Índice

Introdução.....	1
1. A Língua Inglesa e o contexto militar	4
1.1. A Língua Inglesa.....	4
1.2. A Língua Inglesa e as Forças Armadas	4
2. <i>English for Specific Purposes</i> e o IUM	7
2.1. <i>English for Specific Purposes</i>	7
2.2. O Instituto Universitário Militar	9
2.2.1. Curso de Promoção a Oficial General (CPOG).....	10
2.2.2. Curso de Estado-Maior Conjunto (CEMC).....	10
2.2.3. Curso de Promoção a Oficial Superior (CPOS)	10
2.3. Sinergias entre <i>ESP</i> e IUM, vantagens de <i>ESP</i> no IUM.....	10
3. Necessidades Linguísticas	15
3.1. Desenho do Questionário.....	15
3.2. Análise de Dados	16
3.2.1. <i>Listening</i>	17
3.2.2. <i>Speaking</i>	18
3.2.3. <i>Reading</i>	18
3.2.4. <i>Writing</i>	19
4. Modelos de <i>ESP</i>	22
4.1. Bulgária.....	22
4.1.1. Enquadramento.....	22
4.1.2. Modelo de Formação.....	23
4.2. França	23
4.2.1. Enquadramento.....	23
4.2.2. Modelo de Formação.....	23
4.3. Hungria	24
4.3.1. Enquadramento.....	24
4.3.2. Modelo de Formação.....	24



5. Meios e Recursos	26
Conclusões.....	27
Bibliografia.....	29

Índice de Anexos

Anexo A — Entrevista VADM Gonzalez-Hiux – <i>Deputy Chief of Staff Joint Force Trainer</i>	Anx A - 1
Anexo B — Dr. Peggy Garza – <i>Partner Language Training Center Europe</i>	Anx B - 1
Anexo C — Excerto Entrevista Dr. Emilija Nesheva - Bulgária.....	Anx C - 1
Anexo D — Excerto Entrevista Dr. Emilie Cleret - França.....	Anx D - 1
Anexo E — Excerto Entrevista Dr. Gabriella Kiss - Hungria.....	Anx E - 1

Índice de Apêndices

Apêndice A — Plano de Estudos CPOG.....	Apd A - 1
Apêndice B — Plano de Estudos CEMC.....	Apd B - 1
Apêndice C — Plano de Estudos CPOS	Apd C - 1
Apêndice D — Plano de Estudos Língua Inglesa - Bulgária	Apd D - 1
Apêndice E — Plano de Estudos Língua Inglesa <i>Debating</i> - França	Apd E - 1
Apêndice F — Plano de Estudos Língua Inglesa - Hungria.....	Apd F - 1

Índice de Figuras

Figura 1 – Gráfico <i>ESP</i> no IUM	13
Figura 2 - Gráfico Perguntas <i>Listening</i>	17
Figura 3 - Gráfico Perguntas <i>Speaking</i>	18
Figura 4 - Gráfico Perguntas <i>Reading</i>	19
Figura 5 - Gráfico Perguntas <i>Writing</i>	20
Figura 6 - Gráfico Resumo	20

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Edificação da Capacidade de <i>ESP</i> no IUM	26
--	----



Resumo

O Inglês, elemento central para a interoperabilidade, é vital em ambiente combinado. Ser proficiente na língua das operações da Organização do Tratado do Atlântico Norte é fundamental para os militares. Contudo, tem-se verificado que essa proficiência *per si* não tem sido suficiente para garantir um desempenho eficiente e eficaz, tendo até sido identificado que as deficiências linguísticas no seio da OTAN têm sido prejudiciais ao sucesso da sua missão.

Uma das soluções pedagógicas que contribuem para colmatar aquelas deficiências é proporcionar um tipo de formação prática no Inglês, orientada para superar necessidades decorrentes das funções e realidade em que se vai operar – os cursos de *English for Specific Purposes*.

Um diagnóstico de necessidades linguísticas adequado e uma observação atenta ao que outros países já fazem neste âmbito pode contribuir para edificar a capacidade de formação de *ESP* no Instituto Universitário Militar (IUM).

Neste estudo de caso, cujo objetivo geral foi analisar a adequabilidade, exequibilidade e aceitabilidade da edificação daquela capacidade no IUM, através da análise dos dados recolhidos nas fontes documentais, questionários e entrevistas, concluiu-se que esta edificação é adequada e exequível porque é necessária e não implica grandes estruturas ou transformações, e é aceitável pela relação custo-benefício.

Palavras-chave

Inglês, interoperabilidade, desempenho, comunicação, eficiente, *ESP*



Abstract

English language, key to interoperability, is vital in a combined environment. Being proficient in the language of the North Atlantic Treaty Organization (NATO) operations is fundamental to military. However, it has been noticed that proficiency per se has not been sufficient to ensure efficient and effective performance. Moreover, language proficiency shortfalls within NATO have been highly detrimental to the success of its mission.

A pedagogical solution that contributes to overcome shortfalls is to provide the military with practical language training, performance oriented, fulfilling needs resulting from the functions and reality where they operate - English for Specific Purposes Courses.

An adequate language needs analysis and an accurate observation of what other countries do, considering this area, can contribute to build and develop this capability at the Institute of Higher Military Studies (IHMS).

The general objective in this case study was to analyse adequacy, practicality and acceptability of building that capability at IHMS. Through the analysis of the data gleaned from documental sources, questionnaires and interviews, one can conclude that the building of that capability is adequate and practical because it is necessary and doesn't imply significant structures or changes, and it is acceptable due to the ratio of cost vs benefit.

Keywords

English, interoperability, performance, communication, efficient, ESP



Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

<i>ACT</i>	<i>Allied Commander Transformation</i>
AFA	Academia da Força Aérea
AM	Academia Militar
<i>BILC</i>	<i>Bureau for International Language Coordination NATO</i>
CEMC	Curso de Estado-Maior Conjunto
CEDN	Conceito Estratégico de Defesa Nacional
CPOG	Curso de Promoção a Oficial General
CPOS	Curso de Promoção a Oficial Superior
EN	Escola Naval
<i>EGP</i>	<i>English for General Purposes</i>
<i>ESP</i>	<i>English for Specific Purposes</i>
FFAA	Forças Armadas
<i>GCMC</i>	<i>George C Marshall Center</i>
GNR	Guarda Nacional Republicana
<i>HQ</i>	<i>Head Quarters</i>
IUM	Instituto Universitário Militar
<i>NATO</i>	<i>North Atlantic Treaty Organization</i>
<i>NCS</i>	<i>NATO Command Structure</i>
OE	Objetivo específico
OG	Objetivo geral
OI	Organizações Internacionais
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
<i>PLTCE</i>	<i>Partner Language Training Center Europe</i>
QC	Questão central
QD	Questão derivada
<i>SACT</i>	<i>Supreme Allied Commander Transformation</i>
<i>SACEUR</i>	<i>Supreme Allied Commander Europe</i>
<i>STANAG</i>	<i>Standardization Agreement</i>
UE	União Europeia



Introdução

Portugal, estado membro e fundador da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), assinou os “*Terms of Reference*” daquela organização onde é definido que “Inglês e Francês são as línguas oficiais da OTAN”. (NATO, 1949). O Inglês tem tido uma maior expressão e importância na comunicação verbal e escrita, sendo que as publicações, procedimentos, comunicação, entre outros, no seio da OTAN são produzidos em Língua Inglesa.

Face ao atual contexto e, decorrente da condição de membro-fundador da OTAN e dos compromissos internacionais assumidos, é cada vez maior, mais significativa e relevante a participação de Portugal em operações e exercícios militares em cenários multinacionais, provimento de cargos internacionais e outros. Pode, pois, inferir-se que o número de missões das Forças Armadas (FFAA) Portuguesas em ambiente combinado sofreu um aumento exponencial.

De facto, em Portugal, entende-se objetivamente que, servir em ambiente combinado carece de preparação e habilitação de nível diferenciado pois, de entre as atribuições do Instituto Universitário Militar (IUM) constam “a realização, harmonização e coordenação de planos de estudos de cursos de formação complementar ao longo da carreira, nomeadamente cursos de promoção, de qualificação, de especialização e de atualização de conhecimentos, bem como tirocínios ou estágios que habilitem para o exercício de cargos e para o exercício de funções nas FFAA, na Guarda Nacional Republicana (GNR), em forças conjuntas ou combinadas e em organizações internacionais; (...)” (Decreto-Lei n.º 249/2015, de 28 de outubro, 2015)

Daqui decorre que, dotar os militares portugueses, nomeadamente os seus oficiais, de ferramentas que complementem as já adquiridas, no sentido de contribuir para aumentar as valências no desenvolvimento das suas capacidades de interoperabilidade, se reveste de vital importância. Um dos vetores do “combinado” é a utilização de uma língua comum que permita uma comunicação precisa, tão padronizada quanto objetiva, tão formal quanto necessário, tendo sempre presente a eficiência e eficácia no desempenho das funções. Contudo, o IUM não dispõe, atualmente, de formação nesta área tão relevante da preparação e habilitação dos militares para o desempenho de funções em ambiente combinado.

O tema proposto é, pois, de elevada e atual importância, considerando que a proficiência em Língua Inglesa é um dos garantes da interoperabilidade entre as forças da OTAN e entre estas e as que com elas operam, e que se poderá, desta forma, contribuir



significativamente para maximizar e incrementar a interoperabilidade linguística dos nossos oficiais, aferindo, neste âmbito, a adequabilidade, exequibilidade e aceitabilidade da inclusão de módulos de *English for Specific Purposes (ESP)* a ministrar no IUM e que necessidades linguísticas deverão ser colmatadas.

Face ao exposto, define-se como objeto da investigação a formação de Língua Inglesa no Instituto Universitário Militar, tendo por base o conceito de *ESP*.

Será considerado o universo dos oficiais atualmente a frequentar o Curso de Promoção a Oficial Superior (CPOS), Curso de Estado-Maior Conjunto (CEMC) e Curso de Promoção a Oficial General (CPOG), bem como um conjunto de oficiais que já serviram em ambientes ou cenários combinados.

O objetivo geral (OG) deste trabalho de investigação consiste em analisar a adequabilidade, exequibilidade e aceitabilidade da edificação da capacidade de formação de *ESP* no IUM. De modo a alcançar o OG, definiram-se cinco objetivos específicos (OE): (i) associar o conceito de *ESP* às atribuições do IUM; (ii) enumerar vantagens de implementar módulos de *ESP* no IUM; (iii) identificar necessidades linguísticas a colmatar com a implementação de módulos de *ESP* no IUM; (iv) identificar modelos de formação de *ESP* existentes noutros países Europeus que potencialmente se adequem ao universo do IUM; (v) identificar os meios e os recursos necessários à implementação de módulos de *ESP* no IUM.

No âmbito do trabalho de investigação proposto e, considerando o método científico a utilizar, foi formulada a seguinte questão central: ***“Como edificar a capacidade de formação de ESP no IUM, como meio de desenvolver a interoperabilidade linguística dos oficiais das FFAA?”***

Na sequência da questão central, e tendo em consideração os objetivos específicos acima mencionados, foram equacionadas quatro questões derivadas, nomeadamente:

QD1 – “Quais as vantagens de desenvolver módulos de *ESP* no IUM?”

QD2 – “Que tipo de necessidades linguísticas deverão ser colmatadas com a implementação de módulos de *ESP* no IUM?”

QD3 – “Quais os modelos de formação de *ESP*, de entre os apresentados, potencialmente adequados ao universo do IUM?”

QD4 – “Quais os recursos necessários para implementar a formação *ESP* no IUM?”

Este trabalho de investigação integra pesquisa bibliográfica e documental relacionada com o tema a investigar, recorrendo a fontes como documentos da OTAN e do IUM, legislação diversa, entre outras que se constituíram como relevantes para a investigação, no



decorrer do processo de revisão da literatura. Aplicaram-se questionários, realizaram-se entrevistas que relevaram para a recolha de dados relativos a, entre outros, necessidades linguísticas, prestação de serviço e exercício de funções em ambiente combinado ou multinacional por forma a operacionalizar a investigação.

Foi usado o desenho de pesquisa “estudo de caso”, visando uma análise detalhada e concisa, construindo-se o modelo de análise, com recurso ao método indutivo uma vez que se pretende observar determinadas condicionantes que, depois de analisadas, permitam formular uma teoria.

O trabalho será organizado em cinco capítulos, sendo que no primeiro se enquadra a importância da Língua Inglesa para as FFAA. No segundo, apresenta-se o conceito de *ESP* relacionando-o com as atribuições do IUM referindo a posição oficial do *Bureau for International Language Coordination (BILC)*¹ e da NATO relativamente a este tipo de formação, enumerando vantagens de a implementar naquele estabelecimento de ensino superior militar.

No terceiro capítulo identificam-se as necessidades linguísticas de acordo com o diagnóstico realizado. No quarto capítulo apresentam-se modelos de formação de *ESP*, potencialmente adequados ao universo do IUM. No quinto capítulo abordam-se os meios e recursos necessários para edificar a capacidade de formação de *ESP* no IUM, com recurso à doutrina de edificação de capacidades da OTAN - DOTMLPPII (Doutrina, Organização, Treino, Material, Liderança, Pessoal, Infraestruturas e Interoperabilidade). Por último, nas conclusões, analisam-se os dados recolhidos e inerentes recomendações.

¹ *BILC* - Órgão de conselho e de consulta da OTAN para questões de ensino e testagem de línguas



1. A Língua Inglesa e o contexto militar

Neste capítulo far-se-á o enquadramento da Língua Inglesa nas Forças Armadas e abordar-se-á a importância da Língua Inglesa no século XXI, em termos gerais, relacionando-a com a sua importância em contexto militar interno e no seio da Aliança (OTAN).

1.1. A Língua Inglesa

O inglês é uma língua germânica originária dos reinos anglo-saxónicos e que atualmente está amplamente presente em todo o mundo. É a primeira língua do discurso internacional e língua oficial da maioria das Organizações Internacionais (OI). É o terceiro idioma mais falado no planeta. Não se estará, de todo, a extrapolar, quando se afirma que a Língua Inglesa, no século XXI assume contornos de *língua franca* nas mais diversificadas atividades. A Língua Inglesa é, atualmente, o idioma mais usado na comunicação internacional.

Mas o que é a Língua Inglesa? Para a definir, há que desconstruir o termo. Para definir língua há que abordá-la como parte integrante da tríade da comunicação: linguagem, fala/escrita e língua. A linguagem é o sistema (verbal e não verbal) que permite realização da comunicação; a fala/escrita, o meio que assegura a comunicação verbal/escrita; e a língua é a codificação que cada comunidade usa para comunicar (palavras). Assim, o Inglês é o código que sustenta a comunicação entre os seus falantes. Contudo, saber que código é usado para realizar a comunicação não assegura que essa mesma comunicação seja eficiente e eficaz. Para garantir que há transmissão e compreensão da mensagem, há que saber usar esse mesmo código e para tal, carece-se de conhecimentos da e na língua.

1.2. A Língua Inglesa e as Forças Armadas

A OTAN, aquando da sua criação em 1949, definiu que adotaria duas línguas oficiais: Inglês e Francês. Contudo, a língua que tem sido mais utilizada, a que tem maior expressão, e aquela que é a língua das operações militares é o Inglês.

Assim, para as FFAA portuguesas, a Língua Inglesa é tão mais importante, quanto é importante a integração do país em OI como a OTAN, ONU e União Europeia (UE). Este facto está ainda mais presente, e é de sobremaneira significativo e relevante, já que, para além de esta língua ser a oficial de algumas das OI que Portugal integra, é também a língua das operações militares, o *core business*, daqueles que abraçaram este “...como militar, (...) servir as Forças Armadas e cumprir os deveres militares. (...) defender a minha Pátria e estar



sempre pronto a lutar pela sua liberdade e independência, mesmo com o sacrifício da própria vida.” (EMFAR, 2015).

A OTAN tem definido nos “*Job Description*” um conjunto de requisitos quer para os militares a prover cargos internacionais nos seus quartéis-generais, quer para os militares das forças que participam nas suas operações e exercícios militares. De entre estes requisitos, salienta-se os requisitos linguísticos que são, de facto, um dos fatores aferidos aquando da avaliação das capacidades de interoperabilidade em cenários combinados.

Partindo do princípio que os militares de todas as nações possuem o requisito linguístico definido para as situações supra referidas, será preocupante que dados estatísticos confirmem a falta ou deficiências nas competências em Língua Inglesa como um dos fatores que mais contribui para incidentes no decorrer de operações da Aliança (JALLC, 2010). De tal forma a situação se vem revelando gravosa que o próprio General Philip M. Breedlove, anterior *Supreme Allied Commander Europe*, realçou a necessidade de encetar ações para mitigar este problema no *Supreme Allied Command Annual Guidance on Education, Training, Exercises and Evaluation 2014* (SACEUR, 2014). Noutra perspetiva, esta mais interna, há que relevar o recomendado a Portugal no *NATO CAPABILITY TARGETS 2013, no Target E1101*.²

A proficiência numa língua estrangeira é a “competência não ensaiada de um indivíduo para comunicar” recorrendo a um conjunto de conhecimentos gerais dessa língua que se foi adquirindo ao longo do tempo (NATO, 2014). Pode, contudo, complementar-se essa proficiência de forma a potencializá-la e simultaneamente possibilitar o desenvolvimento de competências linguísticas e de comunicação, específicas de um contexto tão exigente, técnico e particular como é o contexto militar combinado, dotando assim os militares de um consolidado manancial de valências que lhes confira maior eficiência e eficácia no que se refere à interoperabilidade no desempenho das suas diferenciadas funções.

Para os militares que integram a OTAN, ter a capacidade de comunicar eficaz e eficientemente é um pré-requisito para a interoperabilidade e, dado o contexto multinacional

² “Ensure that all NATO Command Structure (NCS) staff and other national personnel who are routinely involved in NATO issues or deployed on NATO operations are able to communicate effectively in the English language. (...)”

Ensure that all personnel earmarked for participation in the NCS and national staffs who are routinely involved with NATO issues have English language skills sufficient to meet their job descriptions which should generally be as follows (Listening, Speaking, Reading, Writing in accordance with STANAG 6001, Edition 4 (...))

“Integrate English language training into the curricula of officer and NCO education establishments and in career development programs”.



em que se opera, estabelecer requisitos linguísticos é fundamental e ser proficiente é vital. Sendo que o Inglês é a *lingua franca* militar da Aliança, embora haja duas línguas oficiais, há situações em que as nações acordam o uso de uma língua específica para objetivos específicos. Exemplo disso é o *Standardization Agreement (STANAG) 3797*, que estabelece que a língua a ser usada no controlo de aeronaves da OTAN é o Inglês (*Deputy Chief of Staff Joint Force Trainer-VAdm Javier Gonzalez-Huix, 2016*) (vide anexo A).

“Um dos elementos que contribui para o vetor interoperabilidade é a capacidade de comunicação que, apesar de todas as possibilidades tecnológicas atuais, continua a exigir o uso da palavra, falada ou escrita. Assim, para que haja comunicação é necessário que emissor e recetor usem uma linguagem comum, para que a mensagem seja compreendida. (..)

Considerando que a nossa defesa se garante no seio da Aliança, bem como o facto de que em Portugal as gerações mais recentes optaram claramente pela Língua Inglesa, como segunda língua, não há como fugir à realidade.

A proficiência em Língua Inglesa assume desta forma um papel de grande importância, talvez mesmo de importância crucial, para que possamos garantir a interoperabilidade das nossas capacidades militares no seio da NATO.” (CEMGFA, 2016)

Para os militares, a Língua Inglesa é de vital importância pois as fragilidades na comunicação provocam menor eficácia e eficiência (Pinto, 2016). Numa situação mais complexa e mais imprevisível como é a condução da tática e da guerra, mais incerta, não pode acontecer (Palma, 2016). Numa situação de alto risco, de urgência, de definição de políticas de defesa, de emprego de forças conjuntas e combinadas, no terreno num cenário multinacional, não ser capaz de comunicar, não entender ou não se fazer entender, para além de ser prejudicial, pode, numa situação limite, custar vidas.

Também para o General Philip M. Breedlove (*Supreme Allied Commander Europe* que cessou funções em maio de 2016), a Língua Inglesa é vital para os militares, uma vez que, sendo o garante da interoperabilidade, é nela que a comunicação dos militares se desenvolve e, a menor qualidade dessa comunicação está a ser prejudicial ao sucesso das operações da OTAN.

Resumidamente, a proficiência em Língua Inglesa é vital para os militares das FFAA, contudo, tem-se verificado que, *per si*, não tem garantido a eficiência e eficácia na comunicação nessa mesma língua no seio da Aliança, existindo incidentes de tal forma significativos que foram dadas orientações superiores para se encetarem ações de forma a superar este problema.



2. *English for Specific Purposes* e o IUM

Neste capítulo far-se-á uma abordagem ao *ESP* nas perspetivas da sua origem, como é entendido no seio da comunidade de autores e estudiosos das disciplinas das línguas e que características enforma, bem como o seu valor para o contexto militar. Será ainda explanada a relação deste conceito com os planos de estudo e a docência no IUM, suas convergências, vantagens e potenciais sinergias a considerar.

2.1. *English for Specific Purposes*

As origens da separação de *ESP* de *English for General Purposes (EGP)* remontam ao final da Segunda Guerra Mundial (Hutchinson & Waters, 1987) decorrendo da necessidade de adequar o método tradicional de ensino de uma língua aos novos desafios que a expansão da atividade científica, técnica e económica colocava à docência e à emergente classe de discentes com objetivos de aprendizagem muito concretos e definidos.

Contudo, é já no final da década de sessenta que se verifica a grande expansão do Inglês para a ciência e tecnologia. Partindo da premissa de que a linguagem que utilizamos varia de acordo com o contexto, pode concluir-se que existem diferenças significativas na linguagem utilizada em diferentes atividades, revelando-se indispensável ajustar os métodos, o léxico, a semântica, etc. às necessidades dos aprendentes. O que definirá essas necessidades serão as características específicas do discurso de cada área (Hutchinson & Waters, 1987).

Na década de 80 do século passado o *ESP* é definido por oposição ao *EGP* enformando algumas características absolutas: desenhado para satisfazer necessidades específicas do aprendente; relativo, no conteúdo, a áreas específicas, atividades e funções; centrado na sintaxe, léxico, semântica e discurso subjacentes às atividades específicas (Strevens, 1988).

Já para Dudley-Evans e St. John o que distingue *ESP* de *EGP* são os resultados práticos observáveis e mais bem definidos, embora ressalvem que o ensino do Inglês para fins específicos reflete os conceitos e atividades subjacentes à disciplina, não estando necessariamente confinada aos conteúdos específicos.

Estes autores definem três características absolutas e quatro variáveis que enformam o *ESP*. É certo que o *ESP* dará resposta às necessidades específicas do aprendente, aborda metodologias e atividades subjacentes à disciplina a que está associado e centra-se na linguagem, nas competências, no discurso e no género adequados às atividades e funções desempenhadas pelos formandos. Contudo, não é claro que o *ESP* seja apenas desenhado



para disciplinas específicas, utilize metodologias diferentes, seja direcionado exclusivamente para adultos (embora provavelmente o seja), nem que se destine tão-somente a quem seja de nível de proficiência linguística intermédia ou avançada (Dudley-Evans, 1998).

Numa importante nota sobre o que é *ESP*, importa verificar as vantagens associadas a esta área do ensino de uma língua. Dudley-Evans e St. John (1998) referem a especificidade e a motivação como a principal vantagem. A curta duração geralmente associada aos módulos de *ESP* (focam-se nas necessidades dos formandos rentabilizando, assim, o tempo), mas também o aumento da relevância das aprendizagens realizadas e efetivamente sentidas pelos aprendentes, conseqüentemente, elevam a motivação.

Considerando o contexto em que este trabalho de investigação é desenvolvido, e relevando que a discussão sobre a definição do conceito de *ESP* não está encerrada, importa concretizar que no seio da comunidade de linguistas, teorizadores e estudiosos das línguas em sede militar, “o objetivo de um curso de “*English for Specific Purposes*” (*ESP*) é preparar os alunos para desempenharem adequadamente as suas tarefas numa determinada situação alvo, isto é, na situação em que os alunos irão efetivamente usar a língua estrangeira que estão a aprender.” (Silva Joyce, et al., 2015).

Assim, não será redutor afirmar que em contexto militar o *ESP* será um complemento do *EGP* e por oposição a este, fundamentado no objetivo de colmatar necessidades linguísticas específicas que decorrem da aferição da realidade operacional e tática em que o discente irá desempenhar as suas funções usando a língua.

A Dra. *Peggy Garza*, com 40 anos de experiência a desenvolver módulos de *ESP* destinados a militares a prover cargos multinacionais, secretária do *BILC* por mais de 10 anos e atualmente *Chair English Language Programs Department - Partner Language Training Center Europe* do *Partner Language Training Center Europe (PLTCE) of the George C Marshall Center (GCMC)*, refere na sua entrevista concedida ao autor que, os cursos ou módulos de *ESP* têm como objetivo dotar os alunos com competências linguísticas e de comunicação que lhes permitam ser mais eficientes e eficazes no desempenho das suas funções (vide anexo B).

Assim, a questão que se levanta é se ser proficiente numa língua (neste caso em Inglês) é suficiente para garantir a eficiência e eficácia do militar em contexto multinacional. A posição oficial do *BILC* é de que, cursos de *ESP* adequadamente desenhados são um valioso contributo e podem constituir-se como mais favoráveis na obtenção de resultados no



que se refere ao desenvolvimento das competências linguísticas relacionadas com o desempenho profissional.

O assunto é de tal forma relevante que em 2013 foi o tema central da Conferência do *BILC (NATO Speak: English in Multinational Settings)*, sendo que um dos Grupos de Estudo, constituído por peritos nesta área, teve como missão definir o conceito de *NATO Speak* e formular recomendações para integrar este conceito (*NATO Speak*), a língua da OTAN, nos programas de ensino dos países da OTAN. Foram identificadas duas categorias de cursos *ESP: Staff Officers e Operational Language*. Claramente, as recomendações são de que o conteúdo destes *ESP* seja desenvolvido identificando as necessidades que decorrem da situação em que se vai usar a língua (Garza, 2016).

De acordo com os especialistas, experimentados professores, militares e civis, detentores de cargos internacionais de relevante responsabilidade, é urgente colmatar lacunas e debelar fragilidades nas competências de comunicação no contexto militar, sendo que, uma das formas de o fazer passa por desenvolver e ministrar módulos de *ESP*.

2.2. O Instituto Universitário Militar

O IUM decorre da reforma do ensino superior militar, constituindo-se como um exemplo no que se refere à cooperação entre os ramos das FFAA e a GNR, do qual resulta, naturalmente, a racionalização de recursos e o garante da criação de saber na área das ciências militares e, ainda, muito especialmente, da excelência do ensino superior militar, no respeito pelos princípios e valores militares fundamentais da Instituição Militar (MDN, 2015).

O IUM é “um estabelecimento de ensino superior público universitário militar, que forma ao longo da carreira os oficiais das FFAA e da GNR para o desempenho de funções de comando, direção, chefia e estado-maior, promovendo a valorização das pessoas e o conhecimento no âmbito da Segurança e Defesa, nos planos científico, doutrinário e técnico das ciências militares e coopera com outras instituições ao nível nacional e internacional. Visa-se a afirmação do Instituto pela qualidade, como instituição militar de ensino superior universitário de referência nacional e internacional, na área de Segurança e Defesa.” (Instituto Universitário Militar, 2016).

Dos cursos ministrados no IUM, interessam especificamente, no contexto de desenvolvimento deste trabalho de investigação, o universo dos Curso de Promoção a Oficial General (CPOG), Curso de Estado-Maior Conjunto (CEMC) e Curso de Promoção a Oficial Superior (CPOS). Daqui decorre que a análise dos planos de estudo incida sobre estes três



cursos.

2.2.1. Curso de Promoção a Oficial General (CPOG)

A finalidade do CPOG é “complementar a preparação dos Capitães-de mar-e-guerra e dos Coronéis para o exercício das funções inerentes aos altos cargos de comando, direção e estado-maior, no mais elevado escalão, sendo os principais objetivos do curso disponibilizar informação, fomentar a reflexão e promover a discussão que permitam aos Oficiais Auditores produzir conhecimento acrescido aos níveis conceptual, doutrinário e sistémico, tendo em vista complementar a sua formação ao longo da carreira; desenvolver o entendimento comum dos problemas da segurança e da defesa, muito em especial no que respeita à atividade de Defesa Nacional, enquadrando-os numa perspetiva essencialmente político-estratégica; desenvolver e aperfeiçoar capacidades de comunicação, análise, síntese e argumentação, tendo em vista aprofundar uma visão global e prospetiva sustentada que, em conjugação com uma dimensão de relacionamento interpessoal, possa contribuir para a qualidade no desempenho de cargos de gestão de topo e da mais elevada hierarquia das Forças Armadas”. O CPOG compreende um conjunto de matérias relativas a três grandes áreas do conhecimento que constam do apêndice A.

2.2.2. Curso de Estado-Maior Conjunto (CEMC)

O CEMC tem por finalidade “qualificar oficiais superiores das FFAA e da GNR para o desempenho de funções ao nível operacional e estratégico, em estados-maiores conjuntos nacionais e internacionais, nas estruturas superiores das Forças Armadas e da Defesa Nacional, e em organizações nacionais e internacionais.” As áreas de estudo, as unidades curriculares e as áreas científicas abrangidas estão especificadas no apêndice B.

2.2.3. Curso de Promoção a Oficial Superior (CPOS)

O Curso de Promoção a Oficial Superior (CPOS) contribui para a preparação dos Primeiros-tenentes da Marinha, Capitães do Exército, Força Aérea e GNR, “com vista a conferir-lhes as competências e conhecimentos técnico militares necessários para o desempenho de cargos e exercício de funções como oficiais superiores.”

As áreas científicas, planos de estudos e unidades curriculares estão explanadas no apêndice C.

2.3. Sinergias entre *ESP* e IUM, vantagens de *ESP* no IUM

De entre as atribuições do IUM destacam-se “a realização, harmonização e coordenação de planos de estudos de cursos de formação complementar ao longo da carreira, nomeadamente cursos de promoção, de qualificação, de especialização e de atualização de



conhecimentos, bem como tirocínios ou estágios que habilitem para o exercício de cargos e para o exercício de funções nas Forças Armadas, na GNR, em forças conjuntas ou combinadas e em organizações internacionais; (...)” (Decreto-Lei n.º 249/2015, de 28 de outubro, 2015). Os três cursos aqui referidos visam preparar os oficiais para o exercício de cargos ou funções: CPOG – “... possa contribuir para a qualidade no desempenho de cargos de gestão de topo e da mais elevada hierarquia das Forças Armadas.” (Apêndice A); CEMC - “(...)desempenho de funções ao nível operacional e estratégico, em estados-maiores conjuntos nacionais e internacionais (...)” (Apêndice B); CPOS – “(...) com vista a conferir-lhes as competências e conhecimentos técnico-militares necessários para o desempenho de cargos e exercício de funções como oficiais superiores (...)” (Apêndice C).

Os cursos de *ESP* visam preparar os alunos para operar e desenvolver as suas funções com maior eficiência e eficácia, dotando-os de competências linguísticas e de comunicação que decorrem das funções que os alunos irão desempenhar. Há, de facto, sinergias, semelhanças e complementaridades inegáveis uma vez que a formação em ambos os casos têm como objetivo último a preparação para o exercício de funções.

A prossecução destes objetivos está, ainda, alinhada com o próprio Conceito Estratégico de Defesa Nacional (CEDN) que define como um dos objetivos nacionais conjunturais, “no quadro das políticas de segurança e defesa nacional, garantir o desenvolvimento da capacidade para enfrentar as ameaças e riscos mais prováveis e para cumprir os compromissos internacionais, incluindo a participação relevante das FFAA em missões internacionais de paz.” (...) Este mesmo documento (CEDN) refere ainda “(...) **Adequar as políticas de segurança e defesa nacional ao ambiente estratégico**, que o vetor militar é primordial no apoio à política externa. Uma das missões prioritárias das Forças Armadas é contribuir como instrumento do Estado para a segurança internacional, designadamente pela sua intervenção em missões militares internacionais de paz, que asseguram o reconhecimento externo de Portugal como um Estado coprodutor de segurança internacional. (...) compete ao Estado português: Participar em missões militares internacionais na defesa da paz e da segurança, nomeadamente no quadro das Nações Unidas, da OTAN e da UE, integrando no planeamento nacional a evolução registada nessas organizações;” (Conselho de Ministros, 2013)

Refletindo sobre o desígnio do CEDN, as atribuições do IUM e as características dos cursos de *ESP*, poderá dizer-se que para prosseguir os objetivos de um (CEDN) se preparam, qualificam e habilitam militares portugueses (IUM) através de instrumentos (*ESP*) que



contribuam para o seu sucesso.

De facto, a totalidade dos entrevistados, nacionais e estrangeiros³ considera importante haver este tipo de formação, não só porque, haver a possibilidade de incrementar as competências de comunicação é sempre positivo (Deputy Chief of Staff Joint Force Trainer-VAdm Javier Gonzalez-Huix, 2016), mas também porque se constitui como relevante e significativa para os militares (Garza, 2016) (Nesheva, 2016) (Cleret, 2016) (Kiss, 2016). Por outro lado, considerando “o ensino e formação no IUM em sentido abrangente, isto é, desde os cursos de formação para ingresso, até aos cursos de qualificação e progressão na carreira, faz todo o sentido que o ensino e formação em Língua Inglesa se constitua como um elemento curricular nos diferentes ciclos de estudos e cursos de qualificação, constituindo-se como um processo transversal ao longo do percurso de ensino e formação de um oficial das FFAA.

Para tal, para além da existência de unidades curriculares de ensino e formação específica da Língua Inglesa, deverão existir, especialmente nos cursos de promoção e de qualificação unidades curriculares, designadamente as que têm relação direta com as operações militares, ministradas e trabalhadas na referida língua” (CEMGFA, 2016). Sendo “que o desenvolvimento da proficiência em Língua Inglesa não deve assentar em ações de formação *ad-hoc*, específicas para o desempenho de um determinado cargo, mas sim num processo contínuo desde o ensino para ingresso prolongando-se pela formação ao longo da carreira” (CEMGFA, 2016).

Há ainda que salientar que a posição oficial do *BILC* defende que cursos de *ESP*, convenientemente desenhados, podem proporcionar melhores resultados no desenvolvimento de competências linguísticas relacionadas com as funções a desempenhar, para além de que, frequentar este tipo de formação ao nível dos estudos superiores militares melhorará significativamente o desempenho e a performance dos oficiais.

Embora não sendo consensual que este tipo de formação deva ser ministrada no IUM, da análise estatística dos questionários aplicados, intercetada com o conteúdo das entrevistas realizadas, a esmagadora maioria considera que sim, enumerando uma miríade de vantagens.

³Deputy Chief of Staff Joint Force Trainer-VAdm Javier Gonzalez-Huix, *ESP N*; MGEN Guerra Pereira - Chefe do Gabinete do General CEMGFA; CALM Novo Palma – Marinha; CMG Rodrigues Pinto – Marinha; Dra. Peggy Garza - Chair English Language Programs Department - Partner Language Training Center Europe; PhD Gabriella Kiss - Director of Foreign Language Training Centre, National University of Public Service, Budapest, Hungary; Madame Emilie Cleret - chef du bureau langue anglaise de la direction de l'Enseignement militaire supérieur; Dra. Emilija Nesheva – State expert on foreign language training and testing, Education and Qualification Department, Human Resources Management Directorate, Bulgarian Ministry of Defence.



“Questão: Tendo em consideração que futuramente poderá desempenhar funções em cenários ou ambientes combinados, internacionais ou multinacionais, onde a língua oficial é o Inglês, e que os módulos de *English for Specific Purposes* são desenvolvidos tendo por base as necessidades linguísticas e de comunicação em língua inglesa que decorrem das funções que um oficial desempenha em ambiente combinado e prepara os alunos para atuar comunicando com eficiência e eficácia nas suas áreas de interesse usando o inglês como instrumento para a realização de tarefas específicas que lhe são necessárias, indique se consideraria importante o IUM ministrar este tipo de formação.”

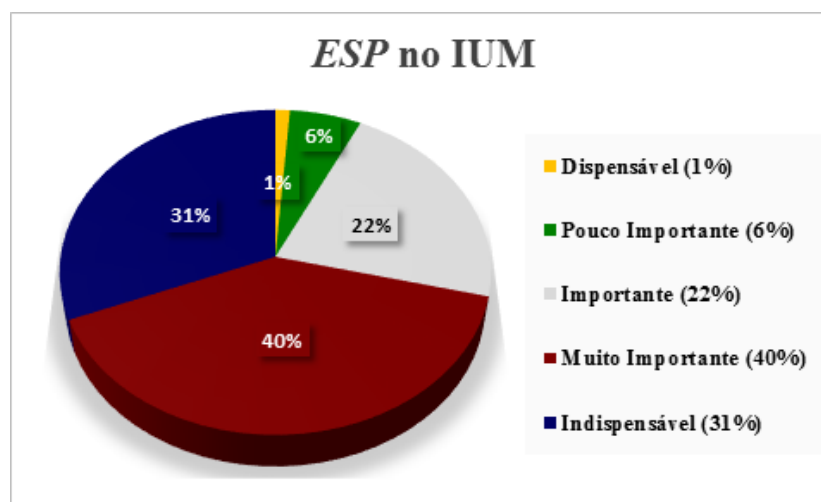


Figura 1 – Gráfico ESP no IUM

Fonte: Autor (Análise dos dados recolhidos no questionário)

À semelhança dos dois inquiridos que consideraram dispensável este tipo de formação no IUM e que o justificam como sendo competência dos ramos, outro dos inquiridos e o Contra-Almirante Novo Palma, embora considerem essencial haver este tipo de formação, também consideram ser competência de cada ramo. Contudo, como é facilmente visível no gráfico, mais de 70% dos inquiridos, considera ser muito importante ou indispensável haver módulos de *ESP* no IUM.

Das vantagens enumeradas destacam-se: “a normalização, o incremento da proficiência, a melhoria da interoperabilidade com parceiros em forças multinacionais, o aumento da confiança dos militares e consequentemente da imagem externa do país, complemento à formação ministrada no IUM com doutrina NATO (manuais e documentos em inglês), preenchimento de uma lacuna das nossas FFAA, melhor preparação dos militares para funções específicas, complemento à formação em Inglês de cariz generalista ministrada nas academias, adaptação a formatos específicos de documentos e *briefings* NATO,



ferramenta indispensável ao contexto global em que se desenvolvem atualmente as ações das FFAA”⁴.

Resumindo, dir-se-á que há efetivamente relação sinérgica entre o IUM e os cursos de *ESP*, pois ambos visam preparar e qualificar para operar e desenvolver funções com eficiência e eficácia, sendo que, foram apontadas relevantes e significativas vantagens em haver este tipo de formação no IUM.

⁴ Dados recolhidos no questionário aplicado aos militares do CPOG, CEMC e CPOS



3. Necessidades Linguísticas

Neste capítulo identificar-se-ão, genericamente, as necessidades linguísticas mais significativas e por competência, aferidas através dos questionários aplicados aos alunos a frequentar no IUM os CPOG, CEMC e CPOS.

3.1. Desenho do Questionário

O desenho de um questionário para aferir necessidades linguísticas com vista ao desenvolvimento de cursos de *ESP* reveste-se de significativa complexidade. De facto, não se trata da identificação de conhecimentos gramaticais e de vocabulário que os indivíduos necessitam mestrear para concluir com sucesso um qualquer módulo, de uma qualquer língua, de um qualquer curso generalista.

Um diagnóstico de necessidades linguísticas para desenvolvimento de cursos de *ESP* implica, obviamente, a identificação das funções que o público-alvo do curso terá que desempenhar. No complexo contexto militar essa identificação integra elevada quantidade de elementos e dimensões que, embora distintas, se encontram relacionadas entre si. Para além desta complexidade inegável, há que acrescentar a importância de um diagnóstico, aferição ou identificação de necessidades linguísticas que resultam no desenvolvimento de cursos ou módulos de formação que permitirão contribuir para que um militar, que em ambiente combinado está efetivamente em representação do seu país, melhore o seu desempenho e performance.

Daqui decorre que, zelo e prudência no desenvolvimento do questionário são de emprego imperativo. Um questionário bem concebido resultará numa identificação mais correta das reais necessidades linguísticas, contribuindo significativamente para o desenvolvimento de um curso ou módulo coerente, adequado e que concorra para debelar fragilidades que afetam negativamente o desempenho e performance dos militares em ambiente combinado, internacional, multinacional.

Um diagnóstico, aferição ou identificação de necessidades linguísticas como a que foi conduzida no *Head Quarters of Supreme Allied Command Transformation (HQ SACT)* por uma equipa de especialistas do *BILC*, pode focar-se e objetivamente ser dirigida para as competências específicas de comunicação, discurso e terminologia necessárias num contexto militar internacional e combinado (Garza, 2016). Através da Dra. *Peggy Garza*, foi solicitado às duas especialistas do *BILC* que conduziram a *Language Needs Analysis* no *HQ*



SACT, Julie J. Dubeau, M.A.⁵ e Jana Vasilj-Begovic, M.A.⁶, o questionário que serviu de base para a identificação das necessidades linguísticas.

O questionário, aplicado a militares não nativos da Língua Inglesa e já desempenhando funções no HQ SACT, foi o resultado de um extensivo e aturado trabalho de pesquisa e análise das funções descritas nos *Job Description* da OTAN, as quais são desempenhadas obviamente em Inglês. De referir que as funções identificadas são comuns a quase todos os cargos da OTAN. Com base nestas funções foi desenvolvido pelas duas especialistas (Dr. Julie e Dr. Jana) um questionário que aferisse e identificasse as competências linguísticas, de comunicação, discurso e terminologia necessárias ao desempenho das referidas funções.

O questionário integra questões relacionadas com as quatro competências definidas no STANAG 6001, *Listening, Speaking, Reading e Writing*. Foi solicitado aos inquiridos que atribuíssem uma classificação entre “muito fácil”, “fácil”, “difícil” e “muito difícil” ao desempenho em Inglês das funções descritas.

Do questionário, originalmente desenhado em inglês, foram extraídas as perguntas que foram classificadas pelo público-alvo no HQ SACT como “difícil” ou “muito difícil” pelo menos uma vez. Esta seleção de perguntas, constantes no questionário original, foi traduzida pelo autor, adaptada ao público-alvo português e devidamente validada.

3.2. Análise de Dados

O questionário, em português, é composto por 42 perguntas relativas ao desempenho de funções, abrangendo as quatro competências (*Listening, Speaking, Reading e Writing*), de classificação quantitativa (muito fácil -1; fácil - 2; difícil - 3; muito difícil - 4); uma de resposta qualificativa (dispensável, pouco importante, importante, muito importante, indispensável); e uma de descrição por extenso.

Face às normas de realização deste trabalho de investigação de que decorrem limitações significativas ao seu desenvolvimento, realizar uma análise exaustiva (pergunta a pergunta) dos dados recolhidos não é exequível. No sentido de garantir a aferição das necessidades linguísticas identificadas pelos inquiridos ao questionário, far-se-á uma análise por competências. Para este efeito, foram as questões associadas por competências, considerando o universo de 170 inquiridos, e quantificados por classificação (1,2,3,4) os

⁵ Chief Standards, Foreign Languages & Associate BILC Secretary, Language Programmes, Canadian Defence Academy QC-Government of Canada

⁶ FL Standards Officer & Associate BILC Secretary, Language Programmes, MILPERSGEN HQ, Asticou Centre Department of National Defence/Government of Canada



números de respostas a cada pergunta, fazendo-se posteriormente a sua análise. Foram contabilizadas todas as respostas 1 por pergunta dentro de cada competência e daí extraída a sua percentagem por comparação com somatório de todas as perguntas classificadas com 2, depois com 3 e por último com 4, extraindo-se de cada somatório a respetiva percentagem.

3.2.1. *Listening*

Do universo de perguntas do questionário relacionadas com a competência *Listening* constam funções como “Seguir e compreender *briefings* ou apresentações detalhadas sobre tópicos profissionais (militares) realizados em inglês” ou “Compreender ordens e informações relacionadas com a área militar” e “Compreender as notícias sobre política e de cariz militar emitidas em inglês por um canal (rádio ou TV) de um país cuja língua oficial é o inglês”⁷.

Não será invulgar que a proficiência nesta competência não seja considerada como das que maior dificuldade revela. Contudo, não será de desprezar os mais de 25% de inquiridos que classificaram como “difícil” o desempenho de funções relacionadas com o *Listening*. Independentemente deste resultado, e considerando em termos genéricos da competência *per si*, há que relevar que cerca de 63% dos inquiridos considera fácil ou muito fácil o desempenho de funções relacionadas com esta competência.

Há, no entanto, que enfatizar que as perguntas deste questionário são as que foram classificadas como difícil ou muito difícil pelo primeiro público-alvo, os militares não nativos da Língua Inglesa que já desempenham funções em ambiente combinado (*HQ SACT*) e num país de língua oficial inglesa (Estados Unidos da América).

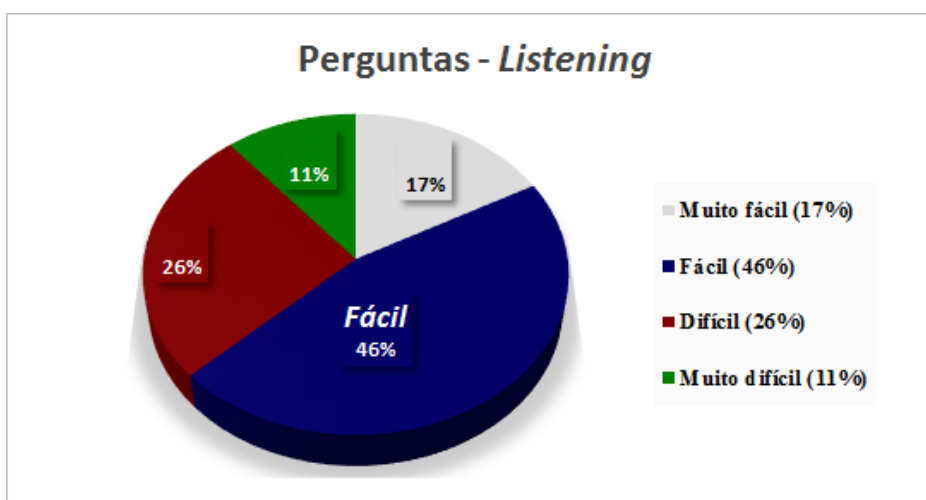


Figura 2 – Gráfico Perguntas – *Listening*

Fonte: Autor (Análise dos dados recolhidos no questionário)

⁷ Questionário aplicado aos militares do CPOG, CEMC e CPOS



3.2.2. *Speaking*

Do universo de perguntas do questionário relacionadas com a competência *Speaking* constam funções como “Dar ordens e informações relacionadas com a área militar oralmente em inglês” e “Discutir, em inglês, assuntos profissionais e tópicos abstratos tais como política, economia, questões ambientais, etc, com representantes de organizações internacionais militares e não-militares.”⁸

Esta é, de facto, uma das competências que revela maiores angústias e que os dados efetivamente materializam. Embora 33% dos inquiridos considerem “fácil” o desempenho de funções nesta competência, há 57% que o consideram difícil ou muito difícil. Apenas 10% consideram muito fácil o desempenho de funções considerando a competência *Speaking*. Ressalva-se que todas as perguntas do questionário correspondem a funções que os militares terão que desempenhar e que, neste caso concreto, implica efetivamente o emprego da capacidade não ensaiada de se exprimir verbalmente.

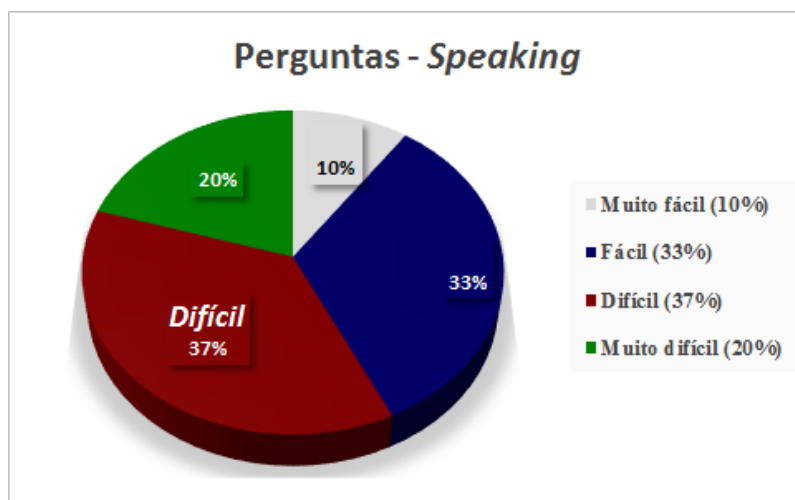


Figura 3 – Gráfico Perguntas – *Speaking*

Fonte: Autor (Análise dos dados recolhidos no questionário)

3.2.3. *Reading*

A competência *Reading* é, comumente, entre os utilizadores da Língua Inglesa, a que se reveste de menor dificuldade. Contudo, num contexto tão específico e técnico como é o militar, esta situação pode ser apenas aparente. Os dados que os inquiridos ao questionário revelaram indicam que, relativamente ao que é expectável que consigam fazer considerando esta competência, não será de facto das mais difíceis.

Mesmo assim, há que considerar os 25% de inquiridos que a classificaram como difícil. As funções que constam das perguntas do questionário, e que já haviam sido

⁸ Questionário aplicado aos militares do CPOG, CEMC e CPOS



classificadas como difícil ou muito difícil no *HQ SACT*, incluem: “Ler e compreender artigos de análise política e económica, escritos em inglês” e “Ler e compreender documentos em inglês sobre temas como ética militar, política militar e de recursos humanos.”⁹

Sendo esta uma competência passiva, de receção, e que, ao usá-la, o leitor dispõe de algum tempo, não é de estranhar que 42% a considerem fácil.

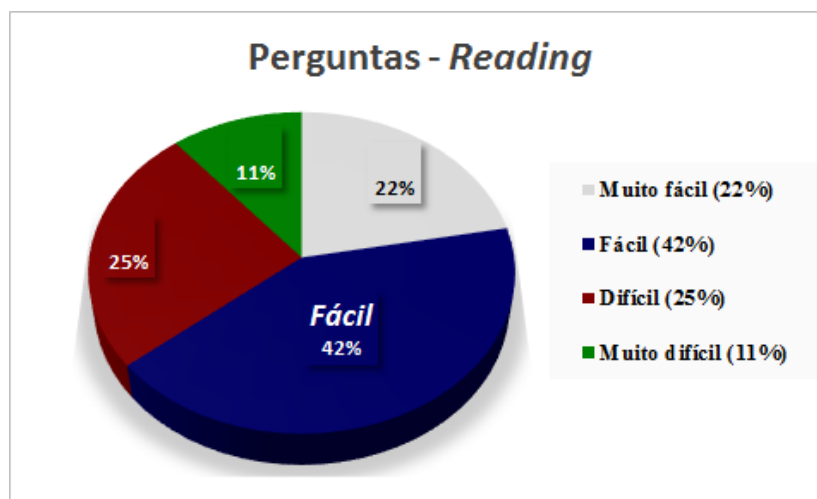


Figura 4 – Gráfico Perguntas – Reading

Fonte: Autor (Análise dos dados recolhidos no questionário)

3.2.4. Writing

Paralelamente ao *Speaking*, esta também é uma competência produtiva, pelo que implica uma participação mais ativa do indivíduo. A correção gramatical e ortográfica é responsabilidade do emissor, tendo que manter em mente que o recetor terá que compreender a mensagem. Para o universo de quem desenvolve a sua atividade na área do ensino e testagem das línguas, os resultados aferidos neste questionário não serão estranhos.

De facto, à semelhança do que acontece com a outra competência de produção (*Speaking*), o universo dos inquiridos que consideram desempenhar funções escrevendo em Língua Inglesa, difícil ou muito difícil, é expressivamente superior aos que a consideram fácil ou muito fácil. Neste conjunto de perguntas incluíram-se funções como: “Produzir por escrito em inglês documentos de análise de pontos de vista e planos de implementação de novas ordens ou procedimentos.” e “Escrever em inglês artigos sobre conceitos estratégicos militares, política militar no seu país ou análise de iniciativas estratégicas”¹⁰

⁹ Questionário aplicado aos militares do CPOG, CEMC e CPOS

¹⁰ Questionário aplicado aos militares do CPOG, CEMC e CPOS



Os resultados obtidos são indicadores de que, de facto, esta competência é considerada maioritariamente mais difícil do que as de receção. Assim, apenas 10% a consideraram muito fácil, sendo que 20% a consideraram muito difícil.



Figura 5 – Gráfico Perguntas – Writing

Fonte: Autor (Análise dos dados recolhidos no questionário)

Em síntese, refere-se que os dados recolhidos, processados e posteriormente analisados, considerando o universo do total de perguntas por competência, indicam claramente que os militares portugueses sentem maiores dificuldades ou fragilidades no desempenho de funções, quando em ambiente combinado, do que decorre com recurso à Língua Inglesa, que implicam as competências de produção.

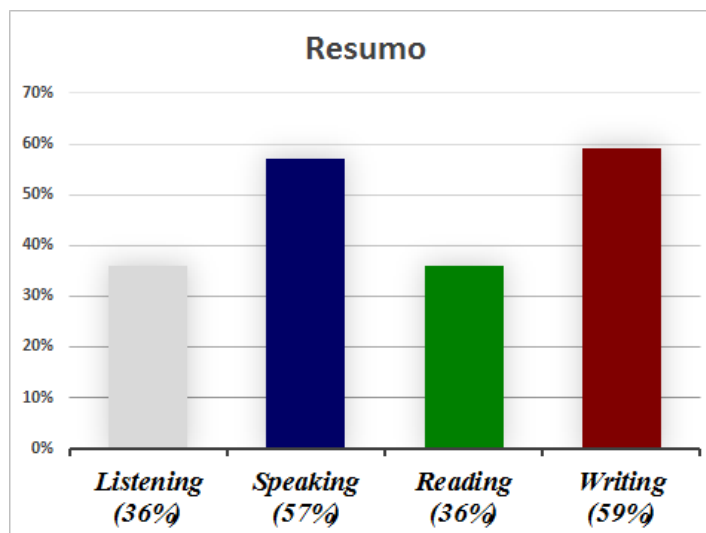


Figura 6 – Gráfico Resumo

Fonte: Autor (Análise dos dados recolhidos no questionário)

Não sendo de descurar que o somatório de perguntas da competência *Listening*, classificadas como difícil e muito difícil atinge os 36%, à semelhança do que acontece com a competência *Reading*, os dados recolhidos expressam que *Speaking* e *Writing* são as



competências onde se sentem maiores necessidades de formação complementar. O somatório das perguntas de *Speaking* classificadas como difícil ou muito difícil atinge os 57%, sendo que para a competência *Writing* são de 59%.

É de enfatizar que, embora os inquiridos neste questionário, militares a frequentar o CPOG, CEMC e CPOS, tenham classificado o desempenho de funções usando a Língua Inglesa, como fácil, 38%, e muito fácil, 15%, apenas foram usadas, do questionário original, as perguntas que foram classificadas pelo primeiro público-alvo no *HQ SACT* como difícil ou muito difícil, pelo menos uma vez.

A análise dos dados recolhidos revela que, a ser adequado, exequível e aceitável edificar a capacidade de ministrar cursos de *ESP* no IUM, há que considerar colmatar fragilidades nas quatro competências, sendo que se deverá dar maior relevância às competências de produção (*Speaking* e *Writing*), que na realidade envolvem uma componente mais prática do que teórica da aquisição e desenvolvimento de competências de comunicação numa língua estrangeira para o desempenho de funções (a essência dos cursos de *ESP*). Aprender a fazer, fazendo; aprender a usar, usando.



4. Modelos de ESP

Neste capítulo identificar-se-ão modelos de *ESP* que outros países Europeus e integrantes da OTAN utilizam para complementar a formação em Língua Inglesa ministrada aos seus militares, nomeadamente aos seus oficiais. O Grupo de Estudo do *BILC*, que em 2013 se debruçou sobre esta temática, definiu dois modelos de *ESP* que se recomenda que os países desenvolvam, no sentido de incrementar a proficiência, colmatar algumas fragilidades no desempenho de funções e contribuir para a eficiência e eficácia dos militares em ambiente combinado, concorrendo assim para o sucesso das missões da OTAN.

Foi ainda selecionado, pelo grupo de peritos da OTAN, um conjunto de conteúdos que os dois modelos de *ESP*, um para “*Staff Officers*” e outro para “*Operational Language*”, deverão incluir. O curso destinado a “*Staff Officers*” deverá incluir conteúdos como “*military writing, the military decision making process, strategies for effective participation in the meetings and conferences, and effective staff work*”¹¹ (Garza, 2016). O curso de “*Operational Language*” deverá ser “*mission specific and performance oriented*” (Garza, 2016). Os três países selecionados para apresentação dos seus modelos são: a Bulgária, a França e a Hungria. A Bulgária é um dos *Partnership Training Education Center* da OTAN, ministrando cursos acreditados pela Aliança. A França pela importância dada à Língua Inglesa, apesar de uma das línguas oficiais da OTAN ser o Francês. A Hungria por ter a sua formação *ESP* certificada e acreditada pela OTAN.

4.1. Bulgária

4.1.1. Enquadramento

A Bulgária, membro da OTAN desde 2004, passou por um processo de profunda reestruturação das suas FFAA para cumprir os requisitos de adesão à Aliança. De entre os requisitos constam também os requisitos de proficiência linguística. Com o apoio da OTAN e de peritos do *BILC*, o sistema de ensino e testagem de línguas estrangeiras, com especial enfoque no Inglês, foi reajustado. Desta forma, o ensino e testagem da Língua Inglesa na Bulgária está alinhado com as recomendações daquele órgão de conselho e de consulta da OTAN.

De facto, o ensino da Língua Inglesa é parte integrante de todos os *curricula* de todos os estabelecimentos de ensino militar (para cadetes, oficiais e sargentos), cursos de ingresso e qualificação e incluindo na *National Military University (NMU)*. É de relevar que há vários

¹¹ Os conteúdos a incluir num qualquer curso de um língua estrangeira são sempre referenciados na língua-alvo.



cursos de licenciatura e mestrado na área militar que são até lecionados em Inglês. Os cursos de *ESP* são uma realidade presente no ensino militar (Nesheva, 2016).

4.1.2. Modelo de Formação

Na formação dos oficiais, faz-se uma atualização e revisão dos conhecimentos previamente estudados, uma vez que alguns já não contactam com a língua há algum tempo. Durante 120 horas frequentam um módulo de Inglês Geral, recorrendo-se aos livros do *American Language Course (ALC)* que, como é sabido, embora se destine a aumentar a proficiência geral, têm aplicação direta de vocabulário e gramática, terminologia e cultura geral militar.

Estes módulos do *ALC* não serão considerados total e exclusivamente de *EGP* uma vez que, para além do geral, focam-se maioritariamente em conteúdos militares. Contudo, não foram desenvolvidos para colmatar fragilidades e necessidades diretamente relacionadas com o desempenho de funções e têm uma duração superior ao que será expectável num curso *ESP*. Estes mesmos oficiais, que estão a frequentar os cursos na *Rakovski Defense College*, para além da referida atualização e revisão, têm também aulas de *ESP*, sendo-lhes ministradas 80 horas de *Specialized Military English*.

Há ainda módulos independentes de *ESP* na área de *Specialized Military English* que duram entre duas a três semanas consoante a área específica (vide apêndice D).

4.2. França

4.2.1. Enquadramento

A França, tal como Portugal, é um dos membros fundadores da OTAN. Em 1996 retirou-se da estrutura de comando militar da Aliança, por querer prosseguir um sistema de defesa independente, tendo-se reintegrado naquela estrutura de comando em abril de 2009. Embora a Língua Francesa seja uma das línguas oficiais da OTAN e também de outras OI, a França tem bem presente a importância da Língua Inglesa no seio da Aliança, não descurando o seu ensino (Cleret, 2016).

4.2.2. Modelo de Formação

O ensino de Língua Inglesa faz parte de todos os cursos ministrados no ensino superior militar, desde as Academias até (e inclusive) ao CPOS, CEMC e CPOG franceses (nos *Le Centre des Hautes Etudes Militaires*, e *L'Ecole de Guerre*).

A Língua Inglesa é ministrada ao longo de todo o curso e constitui-se como uma combinação de conteúdos de *EGP* e *ESP*. Especificamente para os *Hautes Etudes Militaires*



o enfoque é a abordagem comunicativa centrada no aluno, numa perspetiva pedagógica transaccional e transformativa.

Uma das atividades de *ESP* desenvolvida ao nível dos estudos superiores militares é o *Debating*. São constituídas equipas que se preparam ao longo do ano (setembro a junho), três horas por semana (para além das aulas que fazem parte dos seus planos de estudos), para participarem em competições de *Debating* no formato britânico (*British Parliamentary Format*) e no formato americano (*American Policy Format*).

Esta preparação inclui conteúdos como “*rhetoric, public-speaking, creative critical thinking, construction of argument, persuasion, rebuttal, research skills, critical reading*” (Cleret, 2016) (vide apêndice E). É de realçar que o *Debating* obriga ao desenvolvimento de competências de comunicação, investigação e raciocínio na língua-alvo pelo que contribui significativamente para o incremento da proficiência na língua, ainda que não seja esse o seu principal objetivo.

4.3. Hungria

4.3.1. Enquadramento

A Hungria integrou a OTAN em março de 1999. Portugal tem relações de cooperação em matéria de defesa nacional firmadas com a Hungria. Em matéria de operações militares, quer da OTAN quer da UE, a Hungria e Portugal têm operado lado a lado. Disto são exemplo as missões no Kosovo e no Mali.

Membro do anterior Pacto de Varsóvia até 1991, também a Hungria sofreu e tem vindo a sofrer significativas mudanças e reestruturações no seio das FFAA. O ensino da Língua Inglesa é matéria cara para este país, quer ao nível superior no Ministério da Defesa, quer no seio das estruturas das FFAA.

4.3.2. Modelo de Formação

O *Language Training Centre* da *Faculty of Military Sciences and Military Officer Training*, da *National University of Public Service* dispõe de um largo espetro de cursos de Língua Inglesa que ministra ao pessoal do Ministério da Defesa Nacional, Estado-Maior General das FFAA, militares e civis das Forças de Defesa da Hungria.

Para além destes cursos, e em cumprimento das recomendações do *ACT*, a Hungria ministra cursos de *ESP* a alunos húngaros e internacionais - *Staff Officers' Military Terminology Course (SOMTC)*, *Military Terminology Teacher Training Seminar (MTTTS)*. Este país integra ainda o *Defence Enhancement Education Programme (DEEP)*, no âmbito do qual também ministram cursos de Língua Inglesa, entre outras línguas.



O curso de *ESP* mais emblemático e relacionado com o desempenho de funções em ambiente combinado é o *SOMTC* que tem uma dupla função: melhorar as competências linguísticas de comunicação, familiarizando os alunos com a terminologia da OTAN e providenciando a experiência de fazer apresentações em inglês; e promover uma abordagem compreensiva à estrutura da OTAN (Kiss, 2016) (vide apêndice F).

Apresentados os três modelos de *ESP*, importa relevar que, nas pessoas de *Dra. Peggy Garza - Chair English Language Programs Department - Partner Language Training Center Europe; PhD Gabriella Kiss - Director of Foreign Language Training Centre, National University of Public Service, Budapest, Hungary; Dra. Emilie Cleret - chef du bureau langue anglaise de la direction de l'Enseignement militaire supérieur; Dra. Emilija Nesheva - State expert on foreign language training and testing, Education and Qualification Department, Human Resources Management Directorate, Bulgarian Ministry of Defence*, todas as instituições estão disponíveis para cooperar com Portugal e com o IUM, caso seja adequado, exequível e aceitável desenvolver módulos *ESP* no IUM e assim se deseje (vide anexos B, C, D, E).

Poderá, em síntese, referir-se que qualquer um dos três modelos será aplicável ao universo do IUM, assim como, poderá seleccionar-se conteúdos de cada um, adaptando-os à realidade das necessidades identificadas.



5. Meios e Recursos

Para edificar uma capacidade, considerando a doutrina de edificação de capacidades da OTAN, a qual também se poderá aplicar ao caso concreto em investigação, há que considerar o modelo da Aliança que integra DOTMLPII.

Tabela 1 – Edificação da Capacidade de ESP no IUM

EDIFICAÇÃO DA CAPACIDADE DE ESP NO IUM	
<i>Doutrina</i>	<ul style="list-style-type: none">• Toda a doutrina OTAN já existente• Recomendações a Portugal que constam do <i>NATO CAPABILITY TARGETS 2013</i>• Recomendações do <i>BILC</i>• Curricula dos cursos de <i>ESP</i> de outros países• Decreto-Lei n.º 249/2015, de 28 de outubro – ANEXO, Capítulo II, Artº 3º, 1, alínea c)
<i>Organização</i>	<ul style="list-style-type: none">• IUM
<i>Treino</i>	<ul style="list-style-type: none">• Trabalhos a desenvolver durante o módulo com a finalidade de aperfeiçoar conhecimentos da língua inglesa previamente adquiridos e desenvolver estratégias de comunicação no desempenho de funções contribuindo para eficiência e eficácia
<i>Meios</i>	<ul style="list-style-type: none">• Salas• Computadores• Projetor• Secretárias e cadeiras• Livros• Fotocópias• Etc
<i>Liderança</i>	<ul style="list-style-type: none">• Formação complementar
<i>Pessoal</i>	<ul style="list-style-type: none">• Docente com formação na área da Língua Inglesa, experiência no desenvolvimento e docência de módulos <i>ESP</i>
<i>Infraestruturas</i>	<ul style="list-style-type: none">• IUM
<i>Interoperabilidade</i>	<ul style="list-style-type: none">• Por ser um tipo de formação prática e colaborativa orientada para o desempenho de funções, contribui para o aumento da interoperabilidade

Fonte: Autor

Em suma, são apresentados os meios e recursos necessários à edificação desta capacidade no IUM, sendo que naturalmente carece do reconhecimento da sua necessidade e aprovação superior.



Conclusões

Uma comunicação eficiente, objetiva e precisa é basilar em qualquer organização. No contexto tão exigente, técnico e particular como é o contexto militar, essa evidência é ainda mais relevante.

Ante a realidade da globalização, as competências de comunicação em Língua Inglesa constituem-se como fundamentais. O Inglês, que é a primeira língua do discurso internacional e língua oficial da maioria das OI, incluindo a OTAN, é também a língua das operações militares em ambiente combinado. Verifica-se, no entanto, que a proficiência em Inglês, *per si*, não tem garantido eficiência e eficácia na comunicação no seio da Aliança. Daqui decorre que, em teatros multinacionais, o desempenho eficiente e eficaz assenta também nas competências de comunicação em Língua Inglesa que podem ser significativamente potenciadas através de formação *ESP*.

A investigação que se apresenta teve como objetivo geral analisar a adequabilidade, exequibilidade e aceitabilidade da edificação da capacidade de formação de *ESP* no IUM. Recolheu-se e organizou-se um conjunto de informações que permitissem responder à questão central deste trabalho - Como edificar a capacidade de formação de *ESP* no IUM, como meio de desenvolver a interoperabilidade linguística dos oficiais das FFAA?

Neste estudo de caso, a análise dos dados recolhidos, através de fontes documentais, dos questionários e das entrevistas permitiu obter respostas para todas as questões e objetivos propostos inicialmente.

No que diz respeito às vantagens de desenvolver módulos de *ESP* no IUM, conclui-se que há relação sinérgica entre o IUM e os cursos de *ESP*, pois ambos visam preparar e qualificar para operar e desenvolver funções com eficiência e eficácia, sendo que, para além de ser considerado muito importante haver este tipo de formação no IUM, foram apontadas vantagens relevantes e significativas como sejam “a normalização, o incremento da proficiência, a melhoria da interoperabilidade com parceiros em forças multinacionais, o aumento da confiança dos militares e, conseqüentemente, da imagem externa do país”, entre outras.

Em relação ao tipo de necessidades linguísticas a colmatar com a implementação de módulos de *ESP* no IUM, conclui-se, da análise estatística das respostas aos questionários, a desenvolver módulos de *ESP* no IUM, que terá que se atender a necessidades relacionadas com as quatro competências (*Listening, Speaking, Reading, Writing*), mas com especial enfoque nas competências de produção.



Quanto aos modelos de formação de *ESP* potencialmente adequados ao universo do IUM, conclui-se que qualquer um dos três modelos (Bulgária, França e Hungria) será aplicável ao universo do IUM, assim como, se poderá selecionar conteúdos de cada um, adaptando-os à realidade das necessidades identificadas.

Finalmente, identificaram-se os recursos necessários à implementação da formação *ESP* no IUM, recorrendo à abordagem DOTMLPPI usada na OTAN para a edificação de capacidades.

Após análise de todos os elementos recolhidos durante a realização deste trabalho de investigação, afigura-se seguro concluir que é **Adequada** a implementação de módulos de *ESP* no IUM pois, fica significativamente expressa a sua necessidade e indubitavelmente identificadas as suas vantagens. Este tipo de formação complementar é comumente aceite entre os especialistas internacionais da OTAN como sendo potenciadora da proficiência e alcançando resultados muito positivos.

A edificação desta capacidade no IUM é **Exequível** porque não implica grandes estruturas ou transformações. A relação custo-benefício é significativamente positiva pelo que é **Aceitável** haver módulos de *ESP* no IUM que colmatem necessidades identificadas e concorram para o incremento da proficiência na Língua Inglesa. Daqui decorre que foi alcançado o OG deste trabalho: “analisar a adequabilidade, exequibilidade e aceitabilidade da edificação da capacidade de formação de *ESP* no IUM”. Deste modo, contribuiu-se para o conhecimento identificando possíveis soluções pedagógicas que colmatem fragilidades de comunicação em Inglês com impacto direto quer no desempenho de funções em órgãos estáticos da OTAN, quer em operações da Aliança em teatros combinados.

Dada a limitação de tempo e de número de palavras que obrigaram a uma grande seleção dos elementos a serem apresentados, sugere-se como investigação futura aprofundar a análise das necessidades linguísticas identificadas nos questionários aplicados.



Bibliografia

- Basturkmen, H., 2010. *Developing courses in English for specific purposes*. Londres: Palgrave Macmillan.. Londres: Palgrave Macmillan.
- MGen Guerra Pereira., 2016. *Chefe do Gabinete do General CEMGFA* [Entrevista] (maio 2016).
- Cleret, E., 2016. *Chef du Bureau Langue Anglaise de la Direction de l'Enseignement Militaire Supérieur* [Entrevista] (13 junho 2016).
- Conselho de Ministros, 2013. *Resolução do Conselho de Ministros n.º 19*. s.l.:s.n.
- Decreto-Lei n.º 249/2015, de 28 de outubro, 2015. s.l.:s.n.
- VAdm Javier Gonzalez-Huix, E. N., 2016. *Deputy Chief of Staff Joint Force Trainer* [Entrevista] 2016.
- Dudley-Evans, T., 1998. *Developments in English for Specific Purposes*. Cambridge: Cambridge University Press.
- EMFAR, 2015. *Estatuto dos Militares das Forças Armadas*. s.l.:s.n.
- Garza, D. P., 2016. *Chair English Language Programs Department - Partner Language Training Center Europe* [Entrevista] (maio 2016).
- Hutchinson, T. & Waters, A., 1987. *English for Specific Purposes - A Learning-Centered Approach*. s.l.:Cambridge University Press.
- IESM, 2012. *Norma de Execução Académica n.º 004*. s.l.:s.n.
- Instituto Universitário Militar, 2016. <http://www.iesm.pt/s/index.php/pt/home/missao> Acedido em 20 de maio de 2016, s.l.: s.n.
- JALLC, N. J. A. a. L. L. C., 2010. *Joint Analysis and Lessons Learned Centre, Analysis of Interoperability Shortfalls in Current NATO-Led Operations*, s.l.: s.n.
- Johns, A. M. & Dudley-Evans, T., 1998. *English for Specific Purposes: International in Scope, Specific in Purpose*. s.l.:TESOL.
- Kiss, D. P. G., 2016. *Director of Foreign Language Training Centre, National University of Public Service, Budapest, Hungary* [Entrevista] (abril 2016).
- Krzanowski, M. & Day, J., 2011. *Teaching English for Specific Purposes: An Introduction*. s.l.:Cambridge University Press.
- Mackay, R. & Mountford, A., 1978. *English for specific purposes*. London: Longman.
- MDN, 2015. *Decreto-Lei n.º 249/2015 de 28 de outubro*. s.l.:s.n.
- NATO, 1949. *Terms of Reference*, s.l.: s.n.



- NATO, 2010. *Analysis of Interoperability Shortfalls in Current NATO-Led Operations – A Report by NATO’s Joint Analysis and Lessons Learned Centre, 31 May 2010*, Lisboa: s.n.
- NATO, 2014. *ATrainP-5 Language Proficiency Levels*, s.l.: s.n.
- Nesheva, D. E., 2016. *State expert on foreign language training and testing, Education and Qualification Department, Human Resources Management Directorate, Bulgarian Ministry of Defence* [Entrevista] (maio 2016).
- Nunan, D., 2004. *Task-based language teaching*. Cambridge: Cambridge University. Cambridge: Cambridge University.
- Palma, C.-A. N., 2016. *Diretor de Pessoal da Marinha* [Entrevista] (05 fevereiro 2016).
- Pinto, C. d. M.-e.-G. R., 2016. *Chefe da Repartição de Gestão de Pessoal - Marinha* [Entrevista] (fevereiro 2016).
- SACEUR, 2014. *Supreme Allied Command Annual Guidance on Education, Training, Exercises and Evaluation 2014*, s.l.: NATO.
- SACEUR & SACT, 2013. *EDUCATION AND TRAINING DIRECTIVE (Bi-SC DIRECTIVE NUMBER 75-2)*. s.l.:NATO.
- Silva Joyce, H. d., Thomson, E. A. & contributors, 2015. *Language in Uniform: Language Analysis and Training for Defence and Policing Purposes*, Lady Stephenson Library, Newcastle upon Tyne, NE6 2PA, UK: Cambridge Scholars Publishing.
- Stevens, P., 1988. *ESP after twenty years: A re-appraisal*. s.l.:SEAMEO Regional Language Centre.
- Tony, D.-E. & M.J., S. J., 1998. *Developments in English for specific purposes: A Multidisciplinary Approach*. Cambridge: Cambridge University Press.



Anexo A — Entrevista VADM Gonzalex-Huix – Deputy Chief of Staff Joint Force Trainer

Classification: NATO UNCLASSIFIED

Dear Estela,

On behalf of VAdm Gonzalez-Huix I am providing the following reply to your request which reached us through the BILC Secretary:

QUOTE

Dear Lt Estela Magalhaes Parreira,

Greetings from Headquarters, Supreme Allied Commander Transformation in Norfolk, USA. Your two question have found their way to my desk. It is my pleasure to provide a response.

Question 1:

In your opinion, what is the role and importance of English language proficiency for interoperability within NATO? Why?

Being able to communicate effectively is an essential prerequisite to interoperability; therefore English language proficiency is of vital importance. English is the military lingua franca of NATO, and it is one of the two official languages of the Alliance, along with French. Given NATO's multinational context, establishing English and French language proficiency levels was the focus of one of NATO's first Standardization Agreements (STANAGs). A STANAG is an international military standard created by NATO in order to establish processes, procedures, terms and conditions for common military or technical procedures or equipment between NATO member nations. Language proficiency levels are now reflected within NATO Job Descriptions and in some cases a specific language may be agreed among nations for specific purposes. As an example, STANAG 3797 establishes English as the language to be used when controlling NATO aircraft.



Question 2:

Please consider the following: according to several language experts, the purpose of an English for Specific Purposes (ESP) course is to enable learners to function adequately in a target situation, that is, the situation in which the learners will use the language they are learning (Silva Joyce, et al., 2015).

Would you consider it beneficial to implement, at the level of higher military studies, ESP courses designed to address the language needs resulting from the analysis of the tasks and functions the officers are expected to perform when in a combined or international scenario? Why?

As mentioned in my response to your first question, NATO specifies the necessary language proficiency level an individual requires in order to be employed within a specific NATO position or to otherwise perform a specific task supporting NATO, such as the controlling aircraft example. Ultimately, it is each individual nation's responsibility to ensure their personnel provided to NATO have reached the required language proficiency level. How to achieve these language proficiency levels is, as a result, a decision of each nation. From my perspective any opportunity to further develop an individual's linguistic abilities in a non-native language, especially if it is English, is beneficial and should be considered and encouraged. I would seek a proper balance of learning a language and the acquisition of new skills and knowledge related to job specific tasks. It would be difficult recommending that nations unilaterally direct that courses supporting higher military studies, such as the qualification courses you identified (Field Grade Officers Course, Joint Staff Course and the Promotion Course General Officer), have an English component without some sound research to support this. My main concern here is that individuals completing these courses are required to learn specific tasks and achieve the learning objectives that stem from these tasks. We need to ensure that achieving intended learning objectives is not compromised by a lack of functionality in a language. In short, an Operational Planning Course has specific objectives that individuals must achieve. Failing to achieve the objectives should not occur as a result of concurrently attempting to learn a new language.



I genuinely appreciate the questions concerning this very important topic. As I mentioned earlier, language proficiency is a critical enabler for NATO and especially for interoperability. I most certainly encourage you to continue this important line of research. I would also like to thank you for bringing this forward to my attention.

Sincerely,
Javier Gonzalez-Huix, VAdm, ESP N

Deputy Chief of Staff Joint Force Trainer

UNQUOTE

Good luck with your further studies.

*Best regards,
Berend Burwitz*

**Captain (DEU N) Berend Burwitz
Branch Head ETEE Plans & Policy**

**HQ SACT - JFT/JETE
7857 Blandy Road, Suite 100
Norfolk, VA 23551-2490**



Anexo B — Dra. Peggy Garza – Partner Language Training Center Europe



INTERVIEW QUESTIONNAIRE

Name: Peggy Garza

Question 1:

Could you state your experience within this field of English teaching, BILC, Partner Language Training Center Europe, etc.?

A: I have 40 years of experience in the field of teaching English to international military personnel, with particular expertise in testing and assessment, ESP and teacher training. I am currently the Chair of the English Language Programs Department at the Partner Language Training Center Europe (PLTCE) of the George C Marshall Center (GCMC) for Security Studies. The English Department has these functions:

- to conduct ESP/EAP courses for security professionals who will be attending content courses at the GCMC in counter-terrorism, advanced security studies and counter-transnational organized crime
- to provide courses in executive-level communication skills for particular groups of professionals, including diplomats from Kosovo and military and civilian security-sector professionals from Ukraine and Georgia.
- to offer professional development for the BILC community, specifically for language testers, teachers and program managers

I am a member of the team that developed the online English Language Training Enhancement Course (ELTEC) for NATO staff officers. I was the BILC Secretary from 1997-2008 and have served as BILC Secretary again from 2014-2016.

Question 2:

In your opinion, what is the role and importance of English Language proficiency in interoperability within NATO? Why?

A: Communication in a common language is essential to NATO operations, activities and staff work. Without a common language, NATO's mission cannot be accomplished. In BILC we say "Language is key to interoperability". Although French and English are NATO's two official languages, English is considered NATO's operational language. NATO's 28 nations and numerous partners are expected to develop an English language capability in their national armed forces in order to foster greater interoperability within the Alliance. However, achieving a sufficient level English language proficiency continues to be an enormous challenge. In fact, the 2010 Joint Analysis Lessons Learned (JALLC) report on NATO interoperability shortfalls, identified the number one shortfall as "English language skills at staff levels".

Question 3:

Please consider the following: according to several language experts, the purpose of an English for Specific Purposes (ESP) course is to enable learners to function adequately in a target situation, that is, the situation in which the learners will use the language they are learning (Silva Joyce, et al., 2015).

According to your professional experience, do you consider ESP courses helpful and even advisable as a form of contributing to improve language proficiency? Why?



A: ESP courses are aimed at teaching the specific language and communication skills that learners will need in order to be effective in their professional work. So, the question should be whether ESP courses are more effective than general language courses in preparing learners for their future multinational assignments. It is BILC's position that properly designed ESP courses could provide more favorable results in developing learners' job-related language competencies. In 2013, the theme of the BILC Conference was *NATO Speak: English in Multinational Settings*. A BILC Study Group was tasked with defining "NATO Speak" and formulating recommendations for integrating "NATO Speak" into language training programs. The Study Group identified two categories of courses: one for staff officers and one for operational language. Additionally, the group recommended different content for these two types of courses. The group concluded that language courses for staff officers should include: military writing, the military decision making process, strategies for effective participation in the meetings and conferences, and effective staff work; whereas the content for the operational language courses should be mission specific and performance oriented. Clearly in both cases, the recommended content is customized to the specific target language use situation.

Question 4:

Would you consider important and beneficial to implement, at the level of higher military studies, ESP courses designed to address the language needs resulting from the analysis of the tasks and functions the officers are expected to perform when in a combined or international scenario, as a complement to the knowledge of the language they already have? Why?

A: ESP courses offered at the level of higher military studies would definitely enhance and build on the officers' foundation in English. A needs analysis, such as the one conducted at HQ SACT by a BILC team, can zero in on the specific communication skills, discourse and terminology needed for combined and international military contexts. Further research should also determine whether Portuguese officers have already mastered these language competencies or whether ESP courses would be beneficial. Moreover, ESP courses can have significant face validity and be highly motivating when officers see the direct relationship between what they learn in the classroom and what they will be required to do later in their jobs.

Question 5:

If needed and / or requested, would you (BILC, George Marshall Center, Peggy Garza) be available to develop a partnership to participate in the development of a similar course in another country?

A: I would be happy to provide support to this initiative. I suggest you share your proposal with other members of the BILC community to see if they would also be interested in partnering.



Anexo C — Excerto Entrevista Dra. Emilija Nesheva - Bulgária



MINISTRY OF DEFENSE OF THE REPUBLIC OF BULGARIA

Human Resources Management Directorate,
Education and Qualification Department
Sofia 1092, 3, Diakon Ignatii Str., tel.: +359 92 2135; факс: +359 92 21 068

INTERVIEW QUESTIONNAIRE

Name: Emilija Nesheva

Position: State expert on foreign language training and testing, Education and Qualification Department, Human Resources Management Directorate, Bulgarian Ministry of Defence

Question 1:

Could you state your experience teaching English to military?

I have been English lg teacher to military for 5 years, then 6 years – member and head fo the Bulgarian STANAG 6001 Testing Team and for 5 years now I have been responsible for the foreign language training and testing in the Bulgarian Armed Forces.

Question 5:

If requested, would you be available to develop a partnership to participate in the development of a similar course in another country?

Yes, with pleasure.



Anexo D — Excerto Entrevista Dra. Emilie Cleret - França



MINISTÈRE DE LA DÉFENSE

Paris, le 13 juin 2016



DIRECTION DE L'ENSEIGNEMENT
MILITAIRE SUPÉRIEUR

Bureau langue anglaise

Dossier suivi par :
Emilie Cleret

Madame Emilie CLERET
chef du bureau langue anglaise
de la direction de l'Enseignement militaire supérieur

à

Madame Estella Magalhaes Parreira

OBJET : Réponse au questionnaire portant sur l'enseignement de l'anglais

Question 1:

Could you state your experience teaching English to the military, namely at the École de Guerre?

I taught for four years in a French Army basic training academy for NCOs from 2006 to 2010.

I was recruited on September 1st, 2010 to create the English Department I now head.

I design the English courses for two academies:

- Le Centre des hautes études militaires – the French national war college.

- L'École de guerre – the French command and staff college.

I recruit and manage the teaching team.

I only teach in the Centre des hautes études militaires.

Question 5:

If requested, would you be available to develop a partnership to participate in the development of a similar course in another country?

We would be very interested in developing partnerships to participate in the development of a similar course in another country. The only issue to take into consideration is that we are understaffed so we should have to think very carefully on how we can manage a potential partnership.



Anexo E — Excerto Entrevista PhD Gabriella Kiss - Hungria

INTERVIEW QUESTIONNAIRE

Name: Dr. Gabriella KISS, PhD

Position: Director of Foreign Language Training Centre, National University of Public Service, Budapest, Hungary

Question 1:

Could you state your experience teaching English to military, namely at the National University of Public Service?

I have been teaching English as a foreign language at the National Defence University (predecessor of NUPS) since 1999. I have had a wide range of educational experience, from educating in accordance with the requirements of Bologna Process (BSc, MSc, PhD) to countless forms of courses. That also helps me in my career as a leader being aware of all the challenges, requirements, tasks and duties my Centre is to face. We measure up to STANAG education and testing (accredited, widely acknowledged), circumscribed by the NATO institutions.

Question 2:

In your opinion, what is the role and importance of English Language proficiency in interoperability within NATO? Why?

That goes without saying that in today's globalised world where threats of terrorism and local/regional unrest are imminent, a responsible country and military forces can't afford to drop out of alliance with NATO or Partner Countries. For the sake of the proper collaboration and interoperability, English language proficiency is one of the vital elements and requirements that can guarantee the smooth



1101 Budapest, X. Hungária krt. 9-11 | Tel (1) 432-9000
Postai cím: 1581 Budapest, Pf. 15 | Email: hkh@uni-nke.hu



Question 5:

The SOMTC is NATO accredited. If requested, would you be available to develop a partnership to participate in the development of a similar course in another country?

Definitely, that would be an honour and privilege to cooperate in a project like that. I am strongly convinced that could induce mutual benefits and success.

Looking forward to collaborating with your highly appreciated Institution, especially being aware of your utmost dedication and efforts in realising language interoperability.



Dr. Gabriella KISS, PhD

Director

FLTC NUPS, Budapest





Apêndice A — Plano de Estudos CPOG

Disponível em <http://www.iesm.pt>, [acedido em 20 de maio de 2016]

CPOG - CURSO DE PROMOÇÃO A OFICIAL GENERAL

FINALIDADE E OBJETIVOS

O Curso de Promoção a Oficial General (CPOG) está organizado de acordo com o estipulado no Decreto-Lei n.º 161/2005, de 22 de setembro, republicado através do Decreto-lei n.º 27/2010 de 31 de março, e no Estatuto do IESM, publicado através do Decreto-lei n.º 28/2010 de 31 de março, tendo por finalidade complementar a preparação dos Capitães-de-mar-e-guerra e dos Coronéis nomeados para o curso para o exercício das funções inerentes aos altos cargos de Comando, Direção e Estado-Maior, no mais elevado escalão. O CPOG constitui condição especial de promoção a Oficial General.

O CPOG tem como principais objetivos:

- o Disponibilizar informação, fomentar a reflexão e promover a discussão que permitam aos Oficiais Auditores produzir conhecimento acrescido aos níveis conceptual, doutrinário e sistémico, tendo em vista complementar a sua formação ao longo da carreira;
- o Desenvolver o entendimento comum dos problemas da segurança e da defesa, muito em especial no que respeita à atividade de Defesa Nacional, enquadrando-os numa perspetiva essencialmente político-estratégica.
- o Desenvolver e aperfeiçoar capacidades de comunicação, análise, síntese e argumentação, tendo em vista aprofundar uma visão global e prospetiva sustentada que, em conjugação com uma dimensão de relacionamento interpessoal, possa contribuir para a qualidade no desempenho de cargos de gestão de topo e da mais elevada hierarquia das Forças Armadas.

• ESTRUTURA DO CURSO

O Curso compreende uma componente formativa comum e conjunta frequentada pelos três ramos das Forças Armadas e uma componente formativa específica de cada ramo.

O Plano de Estudos relativo à componente formativa específica de cada ramo, bem como os respetivos regimes de avaliação, são definidos pelo Chefe de Estado-Maior General das Forças Armadas (CEMGFA) sob proposta dos Chefes de Estado-Maior de cada ramo das Forças Armadas, precedido de pareceres do conselho científico e do conselho pedagógico do IESM.

O Plano de Estudos relativo à componente formativa comum e conjunta, bem como o respetivo regime de avaliação, são definidos pelo Diretor do Instituto de Estudos Superiores Militares, precedido de pareceres do conselho científico e do conselho pedagógico do IESM.

O CPOG compreende um conjunto de matérias relativas a três grandes áreas do conhecimento: Estratégia, Administração e Operações.



Apêndice B — Plano de Estudos CEMC

Disponível em <http://www.iesm.pt>, [acedido em 20 de maio de 2016]

CEMC - CURSO DE ESTADO-MAIOR CONJUNTO

FINALIDADE E OBJETIVOS

O Curso de Estado-Maior Conjunto (CEMC) tem por finalidade qualificar oficiais superiores das Forças Armadas (FA) e da Guarda Nacional Republicana (GNR) para o desempenho de funções ao nível operacional e estratégico, em estados-maiores conjuntos nacionais e internacionais, nas estruturas superiores das Forças Armadas e da Defesa Nacional, e em organizações nacionais e internacionais.

O CEMC é dirigido primariamente aos oficiais superiores das FA e GNR que demonstrem possuir elevado potencial, comprovado no desempenho de funções ou cargos, ao longo da carreira. O curso poderá ser frequentado por oficiais da Guarda Nacional Republicana (GNR) e por oficiais de Países Amigos e Aliados, de postos similares, nos termos do regime de acesso superiormente definido.

O CEMC destina-se a proporcionar uma formação avançada na área das Ciências Militares, num domínio onde se encontram três linhas de estudo:

- A atualização do pensamento estratégico perante uma realidade das relações internacionais complexa e difusa, tendo em vista o planeamento estratégico nacional;
- A gestão de recursos afetos à segurança e defesa nacional numa perspetiva de otimização do seu emprego;
- O planeamento e gestão operacional no que respeita à programação, preparação e emprego de forças e capacidades militares em operações conjuntas e combinadas, numa abordagem integrada com os restantes instrumentos do poder nacional.

ESTRUTURA DO CURSO

O Curso de Estado-Maior Conjunto compreende 17 unidades curriculares, em diversas áreas científicas. À frequência do Curso de Estado-Maior Conjunto correspondem 60 unidades de crédito (ECTS).



Apêndice C — Plano de Estudos CPOS

Disponível em <http://www.iesm.pt>, [acedido em 20 de maio de 2016]

CPOS - CURSO DE PROMOÇÃO A OFICIAL SUPERIOR

FINALIDADE

O Curso de Promoção a Oficial Superior (CPOS) contribui para a preparação dos ..., com vista a conferir-lhes as competências e conhecimentos técnico militares necessários para o desempenho de cargos e exercício de funções como oficiais superiores.

· Unidades Curriculares

Integradas na Componente de Formação Comum e Conjunta:

- Introdução à Administração de Recursos (IAR);
- Comunicação e Liderança (CL);
- Logística e Investigação Operacional (LIO);
- Organização Militar;
- História Militar de Portugal (HM);
- Estratégia Militar (EM);
- Fundamentos de Direito Internacional Público (FDIP);
- Enquadramento às Operações Militares (EOM);
- Planeamento de Operações (PO).



Apêndice D — Plano de Estudos Língua Inglesa - Bulgária

Nº	name	type	textbook	duration
1	Preparatory level	non-intensive	ALC Book 1-10	480 lessons/10 months
2	Preparatory level	intensive	ALC Book 1-10	480 lessons/16 weeks
3	Level 1	intensive	ALC Book 11-20; North Star 3	480 lessons/16 weeks
4	Level 2	intensive	ALC Book 21-30; North Star 4	480 lessons/16 weeks
5	Level 3	intensive	ALC Book 31-34; North Star 5	480 lessons/16 weeks
6	Refresher preparatory level	intensive	Headway Elementary	120 lessons/4 weeks
7	Refresher level 1	intensive	Headway Pre-Intermediate	120 lessons/4 weeks
8	Refresher level 2	intensive	Headway Intermediate/Upper-Intermediate	120 lessons/4 weeks
9	Refresher level 3	intensive	Headway Advanced	120 lessons/4 weeks
10	Course level 2	distant	materials developed for the course	24 weeks
11	Course level 3	distant	materials developed for the course	24 weeks
12	Course refresher level 1	distant	materials developed for the course	6 weeks
13	Course refresher level 2	distant	materials developed for the course	6 weeks
14	Course refresher level 3	distant	materials developed for the course	6 weeks
Nº	name	type	textbook	duration
1	Military English courses	intensive	textbooks on military topics	2/3 weeks



Apêndice E — Plano de Estudos Língua Inglesa *Debating* - França

COURSE STRUCTURE	
<i>Purpose</i>	<ul style="list-style-type: none">• Enhance the students' language skills;• Enhance speaking skills;• Enhance critical reading skills;• Enhance comprehensive and active listening skills;• Familiarise the students with the UK and US debating format
<i>Method</i>	<ul style="list-style-type: none">• Active participation of students
<i>Ultimate Goals</i>	<ul style="list-style-type: none">• Communication and common understanding
<i>Length</i>	<ul style="list-style-type: none">• September / June• 3 hours per week• Extra sessions before international competitions
<i>Content</i>	<ul style="list-style-type: none">• Rhetoric• Public-speaking• Creative critical thinking• Construction of argument• Persuasion• Rebuttal• Research skills• Critical reading• etc



Apêndice F — Plano de Estudos SOMTC - Hungria

COURSE STRUCTURE	
<i>Purpose</i>	<ul style="list-style-type: none">• enhance the students' military language skills, familiarise them with NATO terminology and provide them some public speaking experience;• provide a comprehensive understanding of NATO's structure, thereby enable the students to understand present and future developments within the Alliance.
<i>Method</i>	<ul style="list-style-type: none">• active participation of students and is based on the Building Block approach
<i>Ultimate Goals</i>	<ul style="list-style-type: none">• Teamwork, Communication and Common Understanding
<i>Topical Briefings</i>	<ul style="list-style-type: none">• subject matter experts of the Hungarian defence establishment present detailed briefings• students are presented with a developing international crisis-scenario; Changes in the scenario have a logical connection to the topical briefings, and form the basis of the afternoon team tasks.
<i>Language Sessions</i>	<ul style="list-style-type: none">• In order to improve the participants' language skills and to practice new material, language classes are conducted every morning and afternoon. Since context (military/NATO) is vitally important in the definition of English words and phrases, the material covered is closely tied to the topical lectures.• Words are explained in context, and frequently synonyms or simple explanations are provided instead of a full definition.
<i>Afternoon Briefings</i>	<ul style="list-style-type: none">• Based on the morning's topical briefings and the changes in the crisis-scenario, each team prepares a 10-minute briefing. The students must work under a serious time constraint, in order to challenge them, bring out their best qualities and encourage teamwork.• The briefings are presented to the whole class and faculty by one of the team members, and are thoroughly critiqued.
<i>Materials</i>	<ul style="list-style-type: none">• Printed materials provided to students (workbook and glossaries of abbreviations, vocabulary and expressions) are based on <i>Allied Publications AAP 6</i> and <i>AAP 15</i>, on the <i>NATO HANDBOOK</i> and on other relevant NATO publications and documents.• Exercises and vocabulary are based on Standard English.• In some cases, e.g. to illustrate examples more vividly, informal English is used.• Both exercises and vocabulary make use of the latest learning and teaching technologies/strategies to provide the student with the latest developments in these subjects.